

# UM GRUPO ENCENANDO A FAVELA: A HISTÓRIA FUNDADORA DO TEATRO NA CRIAÇÃO DO PONTO DE CULTURA CASA DO BECO

Rodolfo Nazareth Junqueira Fonseca<sup>63</sup>

*Brasil*

## Resumo

• • •

Aglomerado Sta. Lúcia é a segunda maior favela da cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Ali foi criado o Grupo do Beco, que deu origem ao Ponto de Cultura Casa do Beco, um centro cultural que atende tanto os moradores do Aglomerado como dos bairros vizinhos, com um teatro com capacidade para 100 espectadores, uma biblioteca e salas destinadas a ensaios e cursos. Este texto, desenvolvido a partir de uma pesquisa para a dissertação de mestrado “Uma outra cidade: imaginário urbano a partir de artistas de uma favela de Belo Horizonte”, conta como esse grupo teatral surgiu, encenando personagens e histórias inspiradas no cotidiano vivido na favela.

O principal entrevistado é o coordenador do Grupo do Beco, o diretor e ator Nil César, que começou seu trabalho no Aglomerado Sta. Lúcia com uma oficina de teatro para jovens da comunidade, nos fins de semana. Depois dessa experiência, os participantes da oficina decidiram se reunir e montar um grupo teatral. Este grupo, inicialmente com o nome de EM-cenAção, elaborou um projeto chamado “Mãos de Mulher”, com vistas à montagem de um espetáculo sobre a visão da mulher da favela. Criada a partir de

---

<sup>63</sup> Sociólogo e antropólogo, mestre pelo IPPUR/UFRJ. Atualmente é professor universitário, produtor cultural e audiovisual, consultor de projetos da OEI / Instituto Brasileiro de Museus (2015-16)

entrevistas gravadas com 20 mulheres da comunidade, a peça “Bendita a Voz entre as Mulheres” estreou em março de 2003 e circulou nos meses seguintes por escolas e teatros do circuito cultural de Belo Horizonte, consagrando o Grupo do Beco na cidade.

## Resumen

• • •

Aglomerado Sta. Lúcia es la segunda favela más grande de la ciudad de Belo Horizonte, en el estado de Minas Gerais (Brasil). Allí se creó el “Grupo do Beco”, que dio origen al Punto de Cultura Casa do Beco, un centro cultural que atiende tanto a los habitantes del Aglomerado como de los barrios vecinos, con un teatro con capacidad para 100 espectadores, una biblioteca y salas destinadas a ensayos y cursos. Este texto, desarrollado a partir de una investigación para la disertación de Master “Uma outra cidade: imaginário urbano a partir de artistas de uma favela de Belo Horizonte”, cuenta cómo este grupo teatral surgió, con personajes e historias inspiradas en el cotidiano vivido en la favela.

El principal entrevistado es el coordinador del “Grupo do Beco”, el director y actor Nil César, que comenzó su trabajo en el Aglomerado Sta. Lúcia con un taller de teatro para jóvenes de la comunidad los fines de semana. Después de esta experiencia los participantes del taller decidieron se reunir y armar un grupo teatral. Este grupo, inicialmente con el nombre de “EMcenAção”, elaboró un proyecto llamado “Mãos de Mulher”, con vistas a la creación de un espectáculo sobre la visión de la mujer de la favela. Creada a partir de entrevistas grabadas con 20 mujeres de la comunidad, la obra “Bendita a Voz entre as Mulheres” estrenó en marzo de 2003 y circuló los

meses siguientes por escuelas y teatros del circuito cultural de Belo Horizonte, consagrando el “Grupo do Beco” en la ciudad.

### Um grupo encenando a Favela

...

Este texto foi originalmente desenvolvido a partir de pesquisa e texto elaborados para a dissertação de mestrado intitulada “Uma outra cidade: imaginário urbano a partir de artistas de uma favela de Belo Horizonte”, defendida no IPPUR/UFRJ<sup>64</sup>.

Este trabalho de campo antropológico foi desenvolvido entre março de 2005 e fevereiro de 2006 na segunda maior favela da cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais (Brasil), chamada Aglomerado Sta. Lúcia ou Morro do Papagaio, localizada em área nobre da cidade e cercada de bairros de classe média e média alta, como em muitas cidades brasileiras. A pesquisa analisou atividades artísticas orgânicas que têm em comum a busca de formas de representação cultural da vida na favela. A atividade artística foco deste artigo é a atividade teatral do Grupo do Beco, que deu origem ao Ponto de Cultura Casa do Beco.

O Grupo do Beco já produzia há 10 anos peças de teatro para encenar personagens e histórias inspiradas no cotidiano vivido na favela. Para a realização desta pesquisa foram realizadas entrevistas em profundidade, que incluíram o coordenador do Grupo do Beco, Nil César, e dois de seus atores na época, Suzana Cruz e Maicon Cipriano, moradores antigos, lideranças comunitárias e outros jovens artistas

---

<sup>64</sup> A dissertação de mestrado “Uma outra cidade: imaginário urbano a partir de artistas de uma favela de Belo Horizonte” está disponível integralmente em <http://objdig.ufrj.br/42/teses/780336.pdf>

locais. Porém, predomina neste artigo o relato pessoal do coordenador do Grupo do Beco, cuja biografia se confunde com a história do próprio grupo.

### História(s) do Grupo do Beco

...

A maioria das peças montadas pelo grupo são de autoria própria e contaram com a participação intensa de seu fundador, o diretor e ator Nilton César, conhecido como Nil César<sup>65</sup>, porém são o resultado de um trabalho de montagem teatral extremamente coletivo.

O ator e diretor teatral do grupo começa relatando suas primeiras experiências com o teatro na escola onde estudava. De um determinado ponto de vista, Nil destaca que gostava de frequentar a escola porque era onde podia comer melhor do que em casa e, principalmente, sair de casa. Nil sempre teve uma relação conflitiva com seu pai, alcoólatra, marcadamente autoritário e violento. Assim, desde os nove anos, ele já fazia apresentações teatrais na escola, a pedido dos professores que, preocupados com a didática, criavam encenações históricas e literárias com os alunos. Nil era sempre o aluno chamado para a tarefa, pois tinha facilidade de decorar e recitar os textos, mas, sendo muito tímido e introvertido, cumpria este papel por obrigação.

A partir de determinado momento, a escola passou a oferecer aulas de teatro para os alunos. Inicialmente, Nil não se interessou, pois associava o teatro com a obrigação de fazer a vontade dos professores. Assim,

---

<sup>65</sup> Nil César atualmente é um reconhecido produtor cultural e coordenador geral da Casa do Beco, espaço cultural reconhecido tanto pela comunidade da favela como pela vida cultural do restante da cidade de Belo Horizonte. Existente desde 2003, é Ponto de Cultura desde 2010 e conta com patrocínios do Instituto Unimed e Petróbras. <http://casadobeco.org.br>

faltou até a quarta semana de aulas, momento em que o professor lhe mandou um recado dizendo que, se continuasse ausente, teria nota zero no fim do semestre.

Naquele dia, Nil representou o papel de forma improvisada, encantando o professor, que disse que ele passaria a ser o protagonista da peça. Ele respondeu que não queria fazer teatro. O professor retrucou, afirmando que ele não precisaria fazer o papel se não quisesse. Nil então se surpreendeu com o fato de poder fazer a escolha.

Em depoimento para a dissertação de mestrado de Maria Luisa Nogueira<sup>66</sup>, relata: *“E aí com 11 anos, eu descobri o teatro... o teatro me salvou... foi só descobrir o teatro que eu me encaminhei na vida!”*. Este depoimento remete aos conflitos que Nil vivia dentro de casa com seu pai, situação com a qual, depois de sua experiência com o teatro, o artista afirma ter aprendido a lidar melhor: *“...o teatro me ajudou muito porque comecei a usar a linguagem do teatro dentro da minha casa também... eu comecei mesmo a querer mudar minha família... o teatro trabalha muito o ser humano em contato com outro ser humano”*<sup>67</sup>.

Em 1992, com 17 anos, Nil começou a trabalhar meio expediente na Casa Sta. Paula, instituição assistencial católica envolvida com acompanhamento escolar.

---

<sup>66</sup> A história de vida de Nilton César foi estudada por: NOGUEIRA, Maria Luisa. Mobilidade Psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. Dissertação de mestrado em Psicologia Social – Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Dep. de Psicologia – Fev. de 2004.

<sup>67</sup> Por mais pessoal que este relato possa parecer, ele demonstra, ainda que de maneira não generalizável, o possível significado do teatro na vida de cada um dos integrantes do grupo, algo que não foi explorado devido ao enfoque específico desta pesquisa, além do período reduzido para o trabalho de campo que não permitia o aprofundamento de outras experiências individuais.

Batendo de porta em porta, de escola em escola da comunidade, Nil convidou adolescentes para participarem da instituição que, na época, ainda era bastante incipiente. Ao longo de cinco anos, o artista deu aulas de teatro para os alunos da entidade, que hoje em dia é uma referência de trabalho comunitário na favela. Nil se envolveu depois em outras atividades comunitárias e projetos sociais, como o Agente Jovem<sup>68</sup>.

Por outro lado, Nil César, naquele momento, desejava continuar investindo na sua formação de ator, fazendo cursos também fora das oportunidades oferecidas na comunidade. Ainda assim, o artista atuou por muito tempo como Jesus Cristo nas encenações católicas da Semana Santa.

Por meio de uma amiga, Nil realiza cursos pagos de teatro, de um mês, com um reconhecido diretor de teatro da cidade<sup>69</sup> e no Festival de Inverno da UFMG<sup>70</sup>, que resultaria na montagem de um espetáculo em 20 dias. Ele chega a pedir dinheiro emprestado para realizar o curso, que descreve como uma experiência inicial marcante na sua formação teatral, com oficinas teatrais durante o dia, seguidas por apresentações e atividades culturais à noite.

Quando volta seus olhos para a favela Aglomerado Sta. Lúcia, tendo como base sua experiência

---

<sup>68</sup> O Agente Jovem é um programa parte de uma política pública de origem federal, executado pelas Secretarias de Assistência Social dos municípios, visando a assistência e o acompanhamento de adolescentes e jovens em situação de risco social, sobretudo em áreas de favela e periferias urbanas;

<sup>69</sup> Fernando Limoeiro é dramaturgo e professor do Teatro Universitário da UFMG.

<sup>70</sup> O Festival de Inverno da UFMG ocorre há mais de 30 anos durante o mês de julho, oferecendo atividades culturais e cursos pagos de artes cênicas e visuais como atividades de extensão acadêmica. Atualmente, o festival não mais acontece em Ouro Preto, mas na cidade de Diamantina.

comunitária e os cursos de que participou, Nil decide repassar o seu aprendizado numa oficina para jovens da comunidade, aos fins de semana, durante seis meses. Em paralelo a esse processo, Nil continuava dando aulas de teatro na Casa Sta. Paula e, todo final de semestre, montava uma peça com seus alunos.

Depois dessa experiência coletiva, os participantes da oficina desenvolvida por Nil decidiram se reunir e montar um grupo teatral, que tinha como referência o trabalho do grupo de teatro profissional Galpão<sup>71</sup>.

O grupo teatral ganha o nome de Grupo Armação e depois de algum tempo muda para Grupo EMcenação. Segundo Nil César, a partir daí, o grupo fica por dois anos tentando se organizar, em sucessivas reuniões, com o objetivo de ter acesso a cursos e recursos, mas como Nil afirma: “A gente era amador ao extremo”. Até que, em 1998, cansados de reuniões, percebem que precisavam realmente fazer teatro, mas restavam apenas três pessoas como integrantes. Eles então decidem fazer uma nova peça de teatro para convidar a comunidade a participar do grupo. O ator relata que, por falta de uma equipe, se multiplicava no desempenho das funções de direção, produção e ainda fazia o figurino e o cenário do espetáculo, além de atuar em um dos papéis.

Quando perguntei a Nil se alguma das peças havia sido apresentada fora da favela, ele respondeu negativamente, justificando-se por um sentimento de distância social com relação ao restante da cidade, sobretudo, com os bairros de classe média do

---

<sup>71</sup> O Grupo Galpão é um grupo teatral mineiro com mais de 30 anos de existência e reconhecimento nacional e internacional de seu trabalho artístico. [www.grupogalpao.com.br](http://www.grupogalpao.com.br)

entorno. Naquele momento, o grupo não vislumbrava a possibilidade de subir num palco fora da favela.

Em 1998, quando Nil deixa de trabalhar na Casa Sta. Paula, alguns dos seus alunos que haviam completado a idade limite para participar da entidade incentivaram que ele organizasse um projeto teatral coletivo em que pudessem se inserir. Dessa iniciativa teve origem um dos projetos comunitários do grupo, o grupo de formação de atores “Adolescer ou Não”. Em 1999, como um grupo teatral à parte, o Adolescer ou Não monta coletivamente dois espetáculos, tendo Nil César na direção.

A partir daquele momento, o Grupo do Beco, então chamado EMcenAção, e o grupo de formação de atores “Adolescer ou Não” passam a atuar na mobilização por causas comunitárias. Constroem, então, uma intervenção teatral montada para uma passeata em protesto contra a paralisação das obras do Orçamento Participativo (OP)<sup>72</sup> na favela. Organizada pelo pároco local, Padre Mauro, juntamente com outras organizações comunitárias locais, a passeata percorreria as três principais áreas da favela, convocando os moradores do Aglomerado, e fecharia a rodovia federal que margeia a favela. O pároco local propôs ao grupo que organizasse uma encenação baseada num enterro simbólico do Orçamento Participativo, demonstrando que a comunidade não acreditava mais em seu projeto político. Então, sob a coordenação de Nil César, o grupo “Adolescer ou Não” criou uma encenação-protesto que ocorreria no

---

<sup>72</sup> O Orçamento Participativo é uma política municipal da Prefeitura de Belo Horizonte, criada em 1994, que repassa, à decisão pública, a destinação de 2% do orçamento anual da cidade.



momento em que a passeata chegasse ao local de fechamento da pista, como o artista mesmo descreve:

*Na rodovia, apareceu o caixão comigo dentro e o teatro. Os meninos carregavam o caixão e as meninas faziam as viúvas do OP e rezavam: vai com Deus, Orçamento Participativo, já que você não nos vale mais, a sua morte foi até melhor... Só 2% de tudo que você poderia ter não nos vale tanto... Você, de tanto não cumprir suas promessas, perdeu as forças e morreu. A gente carregava o caixão fechado, de repente eu saía do caixão e dava um susto no pessoal e saía falando, eu só morro se a comunidade deixar!!! Sei que foi superinteressante... Essa é a força da comunidade mesmo.*

De todo modo, a mobilização e a polêmica gerada pela passeata possibilitaram uma resposta concreta para as reivindicações e, dentro de algum tempo, as obras do Orçamento Participativo entraram em execução ou foram retomadas<sup>73</sup>.

Na sequência, três atividades que aconteceram no decorrer dos anos de 1999 e 2000 parecem ter sido de fundamental importância para a formação do perfil técnico, artístico e social do Grupo do Beco. A primeira delas permite ao chamado Grupo EMce-nAção, na época, a oportunidade de suprir parte de suas deficiências técnicas através do Projeto Arena da Cultura<sup>74</sup>, atividade anual da Secretaria de Cultura do município, que oferecia oficinas gratuitas de

<sup>73</sup> As obras não executadas ou paralisadas do Orçamento Participativo, reivindicadas na passeata, foram a reabertura e reforma de uma escola infantil, a construção de uma passarela sobre a avenida e de um centro comunitário na Vila Sta. Rita de Cássia, estando as duas primeiras executadas e a terceira em conclusão.

<sup>74</sup> O Projeto Arena da Cultura, parte integrante do Projeto de Descentralização Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte, implementado em 1998, concentra-se na formação, capacitação e difusão cultural. A atividade acontece há oito anos, sendo, a partir de 2006, realizado pela recém-criada Fundação Municipal de Cultura.

técnica vocal, musicalização, interpretação e figurino. O grupo se dividiu, então, entre as oficinas, de acordo com a maior aptidão de cada um.

A segunda atividade importante para a formação do grupo teatral neste período, mas com conteúdo político-comunitário, foi sua inserção na Comissão Local de Direitos Humanos<sup>75</sup>, participando de reuniões semanais com militantes locais de movimentos da juventude, assim como do Movimento Negro, como Márcia Maria e Sílvia Lourenço<sup>76</sup>. A inserção do grupo na comissão ocorreu motivada por um contexto de acontecimentos em escalas distintas, levando a uma intensa participação de seus integrantes. Um deles, de caráter mais local e cotidiano, referia-se à violência e ao abuso de policiais na favela, que se intensificaram no final dos anos 2000, após o assassinato de um tenente da Polícia Militar de Minas Gerais, durante uma ação policial no Aglomerado, motivando a ocupação da favela com megaoperações policiais.

Como resultado da participação do grupo teatral na Comissão Local de Direitos Humanos, Nil César descreve a nova visão incorporada ao grupo nesse momento: “*A partir daí, a gente passou a ter uma visão*

---

<sup>75</sup> A chamada Comissão Local de Direitos Humanos existiu no período entre 1995 e 2000 como instância comunitária que reunia sobretudo jovens, em torno do debate e sensibilização dos moradores do Aglomerado Sta. Lúcia com relação à defesa de seus direitos de cidadãos.

<sup>76</sup> Sílvia Lourenço, juntamente com outras figuras, como Márcia Maria, é uma importante referência comunitária na divulgação e defesa dos direitos de moradores contra a discriminação racial e a violência policial no Aglomerado Sta. Lúcia. Sílvia Lourenço cursava à época mestrado em Linguística e Semiótica na Universidade de São Paulo, beneficiada pelo Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford, e realizava intercâmbio nos EUA como bolsista da Fundação Fulbright - CELOP/ Boston University - 2006.

*mais política, uma visão mais social, de transformação social através da arte”.*

Por fim, a terceira e última atividade fundamental para a formação técnica do grupo ocorre entre 1999 e 2000. Foi o “Curso de Administração para Grupos Teatrais”, oferecido gratuitamente pela Secretaria Municipal de Cultura para 11 grupos de teatro que atuassem em comunidades carentes ou periferias. Ninguém melhor do que Nil César tinha ideia da importância que deveria ser atribuída a uma melhor administração do grupo, porque era ele quem fazia de tudo, escrevia, dirigia e atuava. Nil chegou a abandonar o ensino secundário, que cursava à noite, para acompanhar o curso. Como trabalho final, o curso exigia a elaboração de um projeto pelo grupo, assessorado pelos professores. O grupo decidiu que faria um novo espetáculo. Surgiu, então, a ideia de: *“...um espetáculo sobre a visão da mulher da favela, como elas pensam o morro... mãe que faz papel de pai e mãe...”*

O grupo, ainda com o nome de EMcenAção, elabora um projeto chamado “Mãos de Mulher”, um acúmulo de conhecimentos e vivências junto à Comissão Local de Direitos Humanos. O projeto tinha como objetivo, além da realização de oficinas técnicas com os atores, a montagem do novo espetáculo do grupo, tendo como base a visão da mulher favelada, reconhecida por meio de uma pesquisa com moradoras do Aglomerado.

Nesse momento, o grupo encontraria um dos parceiros mais importantes para a organização e o amadurecimento de sua atividade teatral: o produtor cultural

Rômulo Avelar<sup>77</sup>. Uma das propostas decorrentes da assessoria dada por Rômulo Avelar ao grupo foi a mudança do nome, que não tinha nenhuma identificação com o projeto.

A decisão de um novo nome deveria ser tomada por consenso. Depois de intermináveis reuniões e após algumas semanas, o grupo decidiu realmente mudar seu nome. Nil relata que, dentre as propostas, surgiram: Grupo Quilombola, Nós do Morro, Arte da Favela, Favela Nosso Orgulho, FavelOrgulho e Grupo do Beco, que ele mesmo havia sugerido. No entanto, Grupo do Beco foi o primeiro a ser excluído da lista. O argumento de uma das atrizes do grupo convenceu a todos, como Nil esclarece:

*Os becos na favela, que na época ainda não tinham iluminação pública, eram relacionados ao estupro de mulheres, ponto de tráfico, (lugar para) violentar as pessoas, para a polícia bater em pais de família. Ninguém concordava, por quê? A gente iria disseminar isso? Beco é uma coisa ruim, e a gente vai levar um nome ruim.*

Depois de eliminados alguns dos outros nomes propostos, na semana seguinte, uma nova reunião foi marcada para discutir os nomes restantes e cada um trazer novas denominações. Nil ainda defendia o nome Grupo do Beco: “*Tem nome que fala mais da favela do que beco?... a gente está remetendo a quê? A favela. A*

---

<sup>77</sup> Rômulo Avelar é um produtor e consultor de grupos culturais experiente, autor do livro “O Avesso da Cena – Notas sobre Produção e Gestão Cultural”. Ele também atua como assessor de planejamento do Grupo Galpão. Seu papel no Grupo do Beco corresponde à figura de grande apoiador e incentivador, sobretudo no momento em que abriu uma rede de contatos artísticos e institucionais de grande importância para o crescimento e o reconhecimento artístico e profissional dos integrantes do grupo. Atualmente, Rômulo Avelar ocupa cargo na Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

*gente não quer quebrar um estigma que um favelado leva?” Assim, Nil César tentava esclarecer a importância de uma identidade de lugar para o grupo que marcas-se efetivamente o seu papel, não apenas no trabalho artístico, mas na relação de um grupo teatral da favela com o restante da cidade, e continua: “Por que a gente não pode quebrar esse estigma de favela? Por que a gente não pode quebrar esse estigma de beco? Por que não?”.*

Ao fim da discussão coletiva, Nil consegue convencer os demais integrantes a recolocar o nome Grupo do Beco na lista. Restavam apenas os nomes Grupo Quilombola e Grupo do Beco. Ele relata que todos votaram por Grupo do Beco, não porque acreditavam no nome como ele acreditava, mas por falta de opção. O artista, então, toma a iniciativa e declara: “Agora nós somos o Grupo do Beco”, fazendo os olhos do produtor cultural Rômulo Avelar brilharem.

Ao longo do processo de escolha do nome do grupo, podemos perceber claramente como o nome **Grupo do Beco** explicita dimensões interessantes, não apenas do perfil do grupo teatral, mas também das suas representações da favela. Tratava-se da apropriação de um nome estigmatizado, dentro e fora da favela, para ressignificá-lo, com um novo sentido, um novo conteúdo, em uma nova interpretação criada por seu trabalho artístico.

A partir desse momento, com um projeto em mãos e um novo nome, o agora Grupo do Beco decide concentrar suas atividades na concepção da nova peça. Convidam, então, o grupo de formação teatral “Adolescer ou Não” a participar das oficinas de montagem do futuro espetáculo. Desta integração, origina-se a formação do Grupo do Beco à época desta

pesquisa, com um ator e três atrizes, além de uma produtora teatral<sup>78</sup>.

Em seguida, o projeto “Mãos de Mulher”, desenvolvido ao longo do curso, foi aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura. Faltava um patrocinador. Por meio do contato de um dos integrantes do grupo com a presidente de uma indústria local<sup>79</sup>, que fazia aulas de capoeira em uma escola que existia ao pé da favela, eles conseguiram o patrocínio integral do espetáculo idealizado.

### **A primeira peça teatral profissional: “Bendita a voz entre as mulheres”**

• • •

O espetáculo foi produzido em um processo de pesquisa, como previsto pelo Projeto “Mãos de Mulher”, que se inicia em 2002, com a realização de entrevistas abertas, filmadas e gravadas em vídeo, com 20 mulheres do Aglomerado Sta. Lúcia, das mais diversas idades e perfis individuais e familiares. Foram eleitos alguns temas em torno dos quais as entrevistadas construíram seus relatos: infância, trabalho, relações de amizade, relações familiares, religiosidade, atuação na comunidade, principais problemas, casamento, impressões sobre o lugar e sonhos.

---

<sup>78</sup> Os integrantes originários do Grupo “Adolescer ou Não” que entraram no Grupo do Beco nessa época são Cris Corrêa, Célia Rodrigues, Maicon Cipriano, Janete Maia e Ivanete Guedes.

<sup>79</sup> A empresa Açoforja – Indústria de Forjados S.A. – foi a patrocinadora do projeto “Mãos de Mulher”, que resultou na montagem da peça do Grupo do Beco.

Pelo processo adotado, construiu-se um perfil detalhado das mulheres entrevistadas pelo projeto<sup>80</sup>. Segundo Josemeire Pereira<sup>81</sup>, estes dados eram relevantes porque estavam relacionados à forma como as mulheres cultivam seus hábitos e costumes para lidar com os diversos acontecimentos da vida na favela e, mais especialmente, com os problemas materiais e o cuidado com os filhos (Pereira, 2002), um tema recorrente tratado no texto da peça teatral.

A convite do produtor Rômulo Avelar, dois integrantes do Grupo Galpão, Júlio Maciel e Ana Domitila<sup>82</sup> passaram a dirigir a montagem do grupo. O trabalho de montagem da peça começou no período posterior às entrevistas, com diálogos e trocas constantes entre os atores e os diretores da peça. Nil conta que uma das primeiras perguntas que fez aos novos diretores foi se eles haviam assistido ao filme “Cidade de Deus” (2001), de Fernando Meirelles, que estava em cartaz nos cinemas. Com a resposta positiva dos diretores, o artista conta que o grupo fez questão de ressaltar uma vontade coletiva: *“Uma coisa que a gente tem certeza que não quer fazer é montar um*

---

<sup>80</sup> As entrevistadas tinham entre 21 e 70 anos, eram todas de cor negra, dentre casadas, viúvas, separadas, “amasiadas” e uma solteira. Apenas duas não tinham filhos e somente três moravam na comunidade há menos de 20 anos, sendo que três moravam há mais de 50 anos. Dentre as profissões, a preponderante era a de doméstica, com um grande número de analfabetas ou semianalfabetas, sendo que metade delas sustenta a família total ou parcialmente. (Pereira, 2002).

<sup>81</sup> Josemeire Alves Pereira, moradora do Aglomerado Sta. Lúcia, à época era estudante de História da UFMG, participava do Grupo do Beco como produtora teatral. Este relato foi retirado de monografia realizada pela pesquisadora intitulada “Aglomerado Santa Lúcia – Para Além do Horizonte Planejado. Representações do trabalho feminino nas histórias de vida de mulheres da periferia” - Programa de Aprimoramento Discente – PAD/2002 - Orientação: Profa. Maria Eliza Linhares Borges.

<sup>82</sup> Júlio Maciel e Ana Domitila são atores e diretores profissionais experientes que compunham a equipe técnica do Grupo Galpão, o primeiro como integrante do corpo de atores, e a segunda como instrutora de cursos do Galpão Cine Horto.

*‘Cidade de Deus’, porque nenhuma das mulheres deu depoimento daquele jeito. A visão da mulher não é essa do filme, era uma outra visão”.*

Ao longo do processo de análise e apropriação das entrevistas, diretores e atores perceberam que a visão da vida da mulher do morro tinha muita poesia e ironia, por mais situações e acontecimentos ruins que tivessem vivido.

Depois de um período de trabalho intenso, os novos diretores solicitaram aos atores do grupo que elaborassem sozinhos, durante um mês, no mínimo 30 cenas teatrais, a partir das entrevistas com mulheres do Aglomerado. Nil relata que o grupo conseguiu criar 18 cenas, tentando prezar a qualidade das cenas. No entanto, as cenas criadas pelo grupo não tinham nenhuma conexão entre si, continuavam sendo histórias singulares. Havia histórias pessoais fascinantes contadas pelas mulheres entrevistadas, mas faltava um fio aglutinador das experiências vividas.

Num certo momento, os diretores propuseram a ideia de inserir, como fio condutor, a história de uma mulher do morro, desde o nascimento até um determinado momento de sua vida. Daí pra frente, Nil relata que os diretores tiveram a sabedoria de explorar, como base para a criação coletiva dos personagens, as características, histórias e vivências pessoais de cada integrante do Grupo do Beco em sua própria favela.

Deste processo de trabalho foi construído cenicamente um texto que narra a trajetória de vida de uma mulher negra, nascida e criada no morro, chamada Bendita, filha de José Maria e Maria José, que



encontra em sua vida simples, no caminho do sonho de ser cantora, o racismo, o abuso sexual, a violência familiar, o machismo. Mesmo sem perspectivas, ela continua a acreditar em seu sonho, representado pelo rádio que sempre tinha ao lado. Depois da notícia de que estaria grávida, um ato de violência entre genro e sogro acaba por reunir novamente sua família. Bendita encontra um novo amor na persistência do sonho de cantar, com quem se casa, mais madura, independente e confiante de si mesma.

A peça traduz, com sensibilidade e ironia, cenas, costumes familiares e episódios característicos da vida social da favela: o pai que vivia no boteco, a mãe, dedicada dona de casa, a fofoqueira da rua, a rádio comunitária, contrapondo sonhos e ilusões pessoais às situações de discriminação racial, sexual, crise familiar e violência contra a mulher.

Assim, com leituras e apropriações, a biografia dos atores confundia-se tanto com a encenação e as falas de seus personagens quanto com a vivência relatada pelas mulheres do Aglomerado. Ainda assim, mesmo contando com a diversidade das histórias oferecidas e a exploração de dimensões da experiência pessoal dos atores, o trabalho de construção dos personagens não dispensou a pesquisa de sujeitos da favela.

Nesse momento, o artista destaca o fato de o espetáculo ser feito “*com muita verdade*”, o que representaria verdade na atuação<sup>83</sup> e verdade em suas histórias.

<sup>83</sup> A “verdade de uma atuação” é um termo utilizado no meio teatral para expressar não necessariamente que os personagens são baseados em fatos reais, mas a qualidade da atuação no convencimento do público que assiste a encenação de uma verdade no palco. Por mais que tenham ciência de que se trata de uma encenação, a peça provoca-lhes sentimentos reais de empatia, felicidade, revolta ou culpa.

Ao encontro desta fala, o ator cita o depoimento do diretor da peça, Júlio Maciel, em entrevista à imprensa na época da montagem: *“Se eu fizesse esse trabalho com atores de fora, teria que fazer um laboratório muito grande no morro, e com eles foi mais fácil, porque eles têm o morro dentro deles”*<sup>84</sup>.

O processo de montagem das cenas do espetáculo durou de 6 de janeiro a 6 de março de 2003, quando o grupo finalmente estreou a peça “Bendita a Voz entre as Mulheres” no Centro Social da Vila da Barragem, ligado à Paróquia Nossa Senhora do Morro, com a presença de parte das mulheres da comunidade entrevistadas. No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o grupo começou a apresentar a peça no restante da cidade. Seria a primeira peça profissional do grupo no campo teatral da cidade.

Nos meses seguintes, o Grupo do Beco circulou<sup>85</sup> pela cidade, realizando apresentações da peça em várias escolas, públicas e particulares, e teatros do circuito cultural da cidade.

A apresentação e divulgação da peça teatral “Bendita a voz entre as mulheres” em diversos espaços institucionais e culturais de Belo Horizonte representou a consagração do Grupo do Beco na cidade, como atividade artística e cultural do Aglomerado Sta. Lúcia.

---

<sup>84</sup> Laboratório é uma técnica teatral de construção de personagens que toma como base a convivência do ator com um sujeito ou grupo que equivale ou se aproxima ao perfil do personagem estudado. Um processo que, de certa forma, tem semelhança com a técnica de pesquisa antropológica no trabalho de campo.

<sup>85</sup> A circulação da Peça “Bendita a Voz entre as Mulheres” pela cidade de Belo Horizonte foi financiada com outro projeto aprovado na Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

No ano seguinte, foi comprada, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, uma sede de dois andares aos pés da favela, na divisa com o parque da Barragem, denominada Casa do Beco, que desde então tem servido como local de reuniões, ensaios e para o desenvolvimento de projetos comunitários. O grupo conseguiu transformar a casa em um centro cultural que atende tanto moradores do Aglomerado quanto os bairros de classe média, com um teatro com capacidade para 100 espectadores, uma biblioteca e salas destinadas a ensaios e cursos.

A partir de 2010, o Grupo do Beco foi extinto em sua formação original e remontado com outros atores. Nesse mesmo ano, a Casa do Beco ganhou o primeiro edital regional de Pontos de Cultura. Por um lado, a premiação representava naquele momento o reconhecimento do trabalho cultural de base comunitária desenvolvido ao longo dos anos pelo grupo. E por outro lado, evidenciava seu papel de autonomia e protagonismo como grupo artístico de favela na cidade. Um papel construído através do teatro e da afirmação da identidade local em relação ao restante da cidade, frente a diferentes políticas públicas locais de cultura e ações de políticas de governo.

Atualmente, a Casa do Beco<sup>86</sup> funciona como um centro cultural de toda a cidade, promovendo peças de teatro, oficinas e atividades culturais em geral, e tem como patrocinadores grandes empresas, como a Petrobras e a Unimed-BH.

<sup>86</sup> Para mais informações, acesse: [www.casadobeco.org.br](http://www.casadobeco.org.br)